

A ESCRITA-ENTRE-MUNDOS¹ NA OBRA DE AUTORES FRANCÓFONOS DA CONTEMPORANEIDADE

WRITING-BETWEEN-WORLDS IN THE WORK OF CONTEMPORARY FRANCOPHONE AUTHORS

Maria Bernadette Porto²

Resumo: No âmbito das cartografias identitárias do contemporâneo, torna-se cada vez mais frequente a escrita-entre-mundos (ETTE), na qual se destacam contatos produtivos e imprevisíveis entre línguas e culturas diversas. Em se tratando das literaturas francófonas, lidas à luz das noções de imaginário das línguas (GLISSANT) e *surconscience linguistique* (GAUVIN), observa-se a revisão da ideia de país natal e de língua materna. Da fricção entre idiomas, memórias e paisagens, cresce a produção literária de autores sem morada fixa, capazes de transgredir fronteiras de mapas considerados até então estáveis.

Palavras-chave: exílio; país-natal; imaginário das línguas; *surconscience linguistique*; escrita-entre-mundos

Abstract: In the context of contemporary identity cartographies, writing-between-worlds (ETTE) is becoming increasingly frequent, in which productive and unpredictable contacts between different languages and cultures stand out. In the case of francophone literature, read in the light of the notions of language imaginary (GLISSANT) and *surconscience linguistique* (GAUVIN), we observe the revision of the idea of home country and mother tongue. From the friction between languages, memories and landscapes, the literary production of authors without a fixed abode grows, capable of transgressing borders of maps considered until then stable.

¹ A noção de “escrita-entre-mundos”, tomada de empréstimo a Ottmar Ette, apresenta uma longa tradição histórica. Interessa-nos aqui refletir sobre este conceito no âmbito do cenário contemporâneo francófono, no qual a poética da mobilidade nos leva a rever cartografias identitárias baseadas no essencialismo e nas ideias de fixidez e de centralidade.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Professora Titular da Classe E na Universidade Federal Fluminense - Brasil. Decana junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal Fluminense – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4615-6206>. E-mail: mbvporto@hotmail.com.

Keywords: exile; home country; language imaginary; linguistic surconscience; writing-between-worlds

1 O LUGAR DA(S) LÍNGUA(S) NAS LITERATURAS SEM MORADA FIXA

Tudo está em constante movimento: as pessoas, as línguas, as fronteiras, as culturas (ETTE, 2019, p. 22).

A “literatura sem morada fixa” da contemporaneidade (ETTE, 2018) oferece ao pesquisador um vasto campo de análise, aberto a reflexões concernentes à questão identitária no contexto das migrações pós-coloniais, ao imaginário do lugar, à revisão da ideia de país natal e à noção de *surconscience linguistique* (GAUVIN, 2000). Aos olhos do romancista, poeta e ensaísta Édouard Glissant (Martinica), mesmo quando domina apenas seu idioma materno, o escritor de nosso tempo escreve na presença de todas as línguas do mundo pelo fato de ter consciência da diversidade linguística disseminada em toda parte. Segundo ele, não é possível para um autor escrever de modo monolíngue, sendo obrigado a levar em conta o imaginário das línguas (GLISSANT, 1995, p. 84). Em se tratando dos autores francófonos nascidos fora da França, dialogando de perto com Glissant, a crítica Lise Gauvin (Quebec) salienta a existência de uma espécie de encruzilhada linguística na base de sua criação, referente à coexistência da língua materna e da língua estrangeira. Longe de ser inocente, a adoção da língua da criação por esses escritores requer uma consciência apurada (a *surconscience linguistique*) do que significa esta escolha, determinada por condições de ordem ética e política. É na fricção de dois idiomas que o ato criativo se estabelece, o que supõe tensões entre o familiar e o estrangeiro, assim como estratégias textuais inspiradas pela inventividade.

Um outro conceito se faz aqui produtivo: o de translinguismo literário, presente na obra de muitos exilados, marcados pela multiplicidade de línguas e de culturas. Um exemplo da coexistência da pluralidade de idiomas levada ao

extremo no texto literário se revela no poema “Babel”, de Antonio d’Alfonso, poeta, escritor, cineasta e crítico, nascido em Montreal e descendente de pais italianos, inserido na diáspora italiana no Quebec:

Nativo di Montréal
Élevé comme Québécois
Forced to learn the tongue of power
Viví en México como alternativa
Figlio del sole e della campagna
Par les franc-parleurs aimé
Finding thousands like me suffering
Me casé y divorcié en terra fría
Nipote di Guglionesi
Parlant politique malgré moi
Steeled in the school of Old Aquinas
Queriendo luchar con mis amigos latinos
Dio where shall I be demain
(trop vif) qué puedo saber yo (D’ALFONSO, 1999).

Na sua escrita translíngue, o poeta borra e atravessa fronteiras linguísticas, geográficas e culturais, ilustrando a riqueza da exofonia, própria das chamadas “literaturas sem morada fixa”, que no século XXI ocuparão cada vez mais o palco da escrita (ETTE, 2019, p. 35) Trata-se de registrar, no campo estético, não só a impossibilidade de se pertencer a um único lugar – dado como algo fixo e estável – mas também a desconfiança em relação aos mapas identitários associados a um único idioma e a um único território.

Inserido na “era da rede” (ETTE, 2019, p. 26) e das conexões, D’Alfonso apresenta, em poucos versos e em quatro línguas, seu percurso identitário rizomático, pontuado por movências entre línguas, paisagens e memórias. Aqui é possível evocar palavras de Ottmar Ette, que parecem corroborar o poema “Babel”: “Os *lieux de mémoire* das literaturas do mundo não são locais estáticos de memória, mas foram registrados e assinalados em mapas de movimento.” (ETTE, 2019, p. 36).

Alguns dados do estar entre diferentes mundos, vivenciado pelo poeta, favorecem um melhor entendimento do poema em foco. Desde cedo, ele teve

contato com a pluralidade de idiomas. A língua falada por seus pais em sua infância era o guglionesano – que nunca se estabilizou na língua escrita – e ele foi escolarizado em inglês. Ao escolher escrever em francês e em inglês, mostra sua impossibilidade de adotar o guglionesano e o italiano como idiomas de criação, este último irrompendo em entrevistas ou em textos curtos sob a forma de vestígios, marcos de uma língua perdida (FERRARO, 2014, p. 48).

No poema citado, construído a partir de movências geográficas, interlinguísticas e interculturais, D’Alfonso propõe uma releitura do mito de Babel, que perde suas características negativas de fracasso, incompletude e de impossibilidade de comunicação, para se tornar o espaço da convivência das diferenças cujo acúmulo no itinerário do sujeito lírico sugere a ideia de uma identidade em contínuo devir. A coexistência de várias línguas ao longo de poucos versos não impede sua legibilidade: para além de possíveis opacidades de cada idioma, o leitor penetra no sentido maior do poema, emprestando sua escuta à voz de um “homem traduzido” (RUSHDIE, 1993, p. 28), de um ser em trânsito por excelência. Dada a inviabilidade de expressar sua condição entre diversos mundos em um único idioma e de se situar em um só espaço, D’Alfonso apela para a diversidade de sotaques, espaços e memórias culturais que o atravessam.

2 A REVISÃO DA IDEIA DO PAÍS NATAL À LUZ DE AUTORES DO ENTRE-CULTURAS

O país natal só existe quando foi deixado. É a partir do exílio ou do alhures que ele emerge e se torna essa reconstrução frequentemente nostálgica, esse farol no retrovisor; ele toma seu verdadeiro sentido a partir do longínquo. O país natal é uma ausência (KUMMER, 2013, p. 117)³.

³ Todas as traduções são de minha autoria.

Lido sob o signo da perda no universo de muitos autores francófonos do exílio, como Ida Kummer, Minna Sik, Nina Bouraoui, Marcel Bénabou, Fethi Benslama, Kim Thúy, Émile Ollivier, Leïla Sebbar, Ying Chen, entre tantos outros, o país de origem se reveste dos signos da carência e da distância. Oriundos de diversos contextos culturais e políticos, todos são levados a revisitar a ideia de país natal e a noção da própria língua materna.

Originária da Tunísia (1950), em sua infância, Ida Kummer tinha a língua francesa em seu cotidiano escolar e em sua casa, onde o judeu-árabe e o italiano eram também falados. Em 1962, deixou a Tunísia para viver em Paris e posteriormente emigrou para os Estados Unidos, onde mora há muitos anos. Como atuação profissional vale destacar seu trabalho como Professora de Literatura Comparada no Colégio das Nações Unidas, na Universidade de Nova York e na Universidade Paris III, e como coordenadora da revista universitária bilíngue *Ceelan*, responsável pela divulgação das culturas magrebinas na América do Norte. Esta brevíssima apresentação da autora confirma seu lugar entre línguas e culturas e sua relação com a Tunísia: “Meu país natal, a Tunísia, nasceu duas vezes: uma primeira vez na França, uma segunda vez nos Estados Unidos. Paradoxalmente, fui eu que o pari e não o inverso.” (KUMMER, 2013, p. 117).

Nas suas palavras, o sentido da terra natal se manifestou, aos doze anos, no avião que a levaria a Paris. Esta cena fundadora de sua construção identitária se repete em todas as suas viagens aéreas sob a forma da angústia da separação: “Meu país natal se forma no recuo e será a princípio, essencialmente, uma perda.” (KUMMER, 2013, p. 118).

Para Kummer e inúmeros jovens tunisianos, o início de sua ancoragem na França constituiu um grande desafio. Eram muitos imigrantes engajados na reconstrução do país perdido, de uma terra prometida abandonada, o que correspondia a um trabalho de ressignificação de seu lugar identitário original,

feito na ausência. A dificuldade de tal empreitada se devia também à invisibilização do país de origem praticada pela política francesa (cf. o silêncio adotado pelo governo francês em torno da Guerra da Argélia).

Foi preciso ir viver nos Estados Unidos para que a Tunísia nascesse de novo para Ida Kummer, o que coincidiu com o prestígio de diversas teorias pós-coloniais nas universidades norte-americanas. Por isso mesmo, a Tunísia lhe pareceu mais fértil a partir de Manhattan. E de seu percurso triangular Túnis, Paris, Nova York surgiu um país interior, “um alhures que estaria sempre aqui.” (KUMMER, 2013, p. 122).

Outra representante dos trânsitos identitários responsáveis pelo seu perfil transcultural é Minna Sif, que nasceu na Córsega, no seio de uma família originária do sul do Marrocos. Desde cedo, como muitos filhos de imigrantes, era a intérprete e tradutora de seus pais, que não sabiam ler e escrever nem em francês nem em seu próprio idioma materno. Ao fazer a ponte entre o berbere e o francês, exercia a capacidade de se mover entre dois universos muito distantes. Atualmente vive em Marseille, cidade onde cresceu e onde oferece oficinas de escrita criativa para *rappers*. Na base de sua identidade plural, servindo-lhe de inspiração no ato de escrita estão o berbere, o corso, o francês, o dialeto magrebino. Em suas novelas e romances, a cidade de Marseille ocupa um lugar de destaque, com sua riqueza e diversidade culturais ao lado de sua pobreza. Reivindicando o caráter plural de seus pertencimentos, Minna Sif aproxima seus idiomas da conceituação de país: “Minhas línguas maternas são meu país natal. Eu me construí graças as minhas línguas e a partir delas. É nelas que busco o que sou.” (SIF, 2013, p. 159).

Diferentemente de outras escritoras, filhas de um casamento misto, a coexistência de línguas e de referentes culturais diversos não representa nenhum tipo de incômodo para Minna Sif, que recebeu de seus pais a herança do bilinguismo, sem nenhuma hierarquia de um idioma sobre o outro. Ao

considerar o bilinguismo como sua terra natal, reconhece seu vínculo com mais de uma língua e com mais de uma cultura: “Ao me transmitirem sua língua, eles me ofereciam a legitimidade de me sentir tanto berbere como francesa.” (SIF, 2013, p. 159).

Jovem autora nascida na França, de origem magrebina (filha de pai argelino e de mãe francesa), Nina Bouraoui representa em seu romance *Garçon manqué* as contradições que dilaceram sua personagem central, dividida entre dois mundos, dois idiomas e dois sexos. Ressalta-se neste livro a ferida existencial que doi em seu corpo⁴, marcado pelo processo colonial alienante que a impede de coincidir consigo mesma, com seus pertencimentos (árabe e francês), com sua sexualidade. Duplamente estrangeira, nunca se sente em casa: nem em sua pele, nem na Argélia, nem na França:

Não sei se estou em casa aqui na França. Aliás nunca vou saber. Nem em Rennes, nem em Saint-Malo, nem em Paris. Não sei se estou em casa na Argélia (...) Sempre me senti clandestina no controle dos passaportes (...) Sempre tive a impressão de ter um segredo. De ter uma vida dupla (BOURAOUI, 2000, p. 156-157).

No final do romance, após novo deslocamento da protagonista – sua ida a Roma - o texto sugere a possibilidade de uma reconciliação com sua história, com seu corpo e com seu duplo através da escrita. Tudo leva a crer que foi preciso distanciar-se da tensão da duplicidade Argélia/França, encontrar uma terceira via, para se reencontrar consigo mesma. Graças a uma superposição de experiências sensoriais, o próximo e o distante, o presente e o passado se encontram em uma espécie de diálogo para além das fronteiras. Reconhece-se aí a intervenção da memória afetiva que a situa em um lugar do mundo: “neste

⁴ Não é por acaso que, neste romance, a impossibilidade de habitar um país coincide com a impossibilidade de habitar seu corpo. Segundo o psicanalista tunisiano Fethi Benslama: “Esquecemos frequentemente que nosso corpo é nosso país natal originário e por isso pode se tornar estrangeiro e nos deixar a todo momento.” (BENSLAMA, 2013, p.55)

odor argelino que retorna como por um milagre em cada primavera francesa.” (BOURAOUI, 2000, p. 189).

É também a memória afetiva de evocação proustiana que se manifesta em um texto do escritor marroquino Marcel Bénabou⁵, no qual ele relata sua frustração ao chegar na França pela primeira vez, quando constatou o enorme hiato entre a pátria mítica, idealizada pela escola colonial em Marrocos, e a França real. Curiosamente, a chegada à metrópole lhe traz de novo seu país natal, com sua cozinha cheia de histórias, odores e sabores. A refeição feita às pressas em uma calçada barulhenta de um self-service no Boulevard Saint-Michel lhe lembrava, por contraste, os suculentos almoços sabáticos em sua terra de origem, verdadeiras cerimônias familiares. Diante de “mercados sem cheiros, “frutos sem gosto”, “fritas moles e mornas” da metrópole, irrompe em suas papilas gustativas “o sabor das batatas maternas”, sinais de que “um certo Marrocos estava colado na sua memória.” (BÉNABOU, 2013, p.36) A ressignificação de um elemento associado a hábitos franceses se dá pelo contato memorial com um signo da cozinha magrebina, o que se destaca abaixo:

Assim, a ritual xícara de café tomada em um bar esfumado da Rue des Écoles ou da Rue Soufflot trazia, infalivelmente, em algum lugar no fundo de minhas narinas, um pouco do perfume familiar, mas inegavelmente ausente, do chá de menta que meu pai preparava toda tarde e que ele gostava de bebericar comigo em nosso pequeno jardim. (BÉNABOU, 2013, p. 36).

Mereceria um estudo à parte os vínculos que associam a cozinha ao país natal, revisitado, muitas vezes, por imigrantes (na vida cotidiana e na ficção), ao se reunirem em torno de uma mesa repleta de iguarias de sua terra de origem para vencerem a ausência e a distância. Isto porque, carregada de valores afetivos, a cozinha constitui um importante patrimônio cultural para um povo, ocupando um lugar de destaque no imaginário de imigrantes, como aparece na

⁵ Segundo o autor, país modelado e remodelado pela situação colonial, o Marrocos determinou sua percepção de si mesmo e do mundo (BÉNABOU, 2013, p.32).

escrita autobiográfica da escritora vietnamita Kim Thúy, nome importante da chamada literatura migrante do Quebec. Em seu livro *Mãn* (2013), em seu atelier-restaurant - que se tornou um endereço culinário incontornável em Montreal - a narradora reinventa receitas vietnamitas graças a experiências gustativas transculturais. Em se tratando do café, Dany Laferrière, escritor da diáspora haitiana no Quebec, publicou um livro intitulado *L'odeur du café* (1991), no qual relembra, com muita sensibilidade, a figura de sua avó que, sentada na varanda de sua casa, oferecia café às pessoas que passavam diante de sua casa. Em troca deste gesto de hospitalidade, elas lhe contavam suas histórias de vida. Para o escritor Laferrière, o cheiro do café lhe traz à lembrança o garoto que ele foi um dia, sentado no chão, ao lado de sua avó, atento aos relatos feitos pelos transeuntes, que lhe serviriam, mais tarde, de matéria para a criação. De algum modo, o aroma do café lhe permitiu recuperar um pedaço de sua infância perto de sua avó e o país de origem, resgatado no seu universo ficcional através da experiência olfativa.

Após essa breve digressão sobre os vínculos que associam o país natal à atividade culinária, cabe insistir sobre a situação entre-mundos de Marcel Bénabou. Ao se referir a sua identidade facetada, na confluência de três grupos étnicos (europeu, árabe e judeu), ele salienta o papel de sua genealogia judaico-franco-magrebina na sua relação com a linguagem. Da presença conjunta de três idiomas (francês, árabe e hebreu) surgiram combinações inusitadas, que ele apresenta, de modo humorístico, como o “franbeu”, o “franrabe” e o “hébrabe”, neologismos criados para dar conta de sua posição entre-línguas.

Em seu texto “Le pays où l’on n’arrive jamais” (O país aonde não se chega nunca), o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad salienta a relação entre o exílio e a descoberta do “o vínculo quase carnal com o território (país, solo natal, pátria) e com o grupo (família, pais, parentesco, comunidade, nação) de onde se é originário.” (SAYAD, 1996, p. 11). Em muitos textos centrados na experiência

do exílio, esse elo pode reforçar a dificuldade do exilado em se situar em um novo país e em uma outra cultura. Habitado afetivamente enquanto ausência, o país de origem se torna uma espécie de morada-refúgio, morada-lembrança que favorece a habitabilidade simbólica na qual o exilado busca se situar. Mas o que acontece quando o idioma de origem e a cultura a ele associada se definem como interdição, carência, ou como falta da transmissão memorial familiar?

3 A ESCRITA NO LUGAR DA FALTA E DA INTERDIÇÃO: OS ECOS DA LÍNGUA APAGADA

- **Um escritor entre-fronteiras no Quebec: o exemplo de Émile Ollivier**

(...) sou trabalhado pela falta da língua crioula (OLLIVIER, 2001, p. 65).

Ao se definir como « escritor de fronteiras » - designação que ele prefere à de escritor migrante - o haitiano Émile Ollivier é autor de uma rica obra que inclui romances, novelas, narrativas autobiográficas e ensaios. Do ponto de vista de sua formação intelectual, situa-se na confluência de diversos campos do saber, como a Literatura, a Sociologia, a Filosofia e a Psicologia. Ser dos trânsitos e das encruzilhadas culturais, desenvolveu, em particular nos ensaios intitulados *Repérages 1* e *Repérages 2*, reflexões sobre a experiência exilar, o imaginário do lugar e a vivência linguística no país de adoção.

A situação intervalar no campo linguístico e cultural do Quebec é representada, com humor, por Émile Ollivier, posicionado no ir e vir entre duas culturas e entre dois idiomas (a língua crioula e o francês). Tirando partido de

sua dualidade, em uma entrevista a Jean Jonassaint, ele declara sua esquizofrenia identitária, vivenciada de modo inventivo:

Essa esquizofrenia vai ser encontrada provavelmente ao longo de toda a minha produção. Tenho o hábito de dizer que sou haitiano à noite e quebequense de dia. E penso de fato que é uma situação de esquizofrenia... isto é, de alguém que está desvinculado da realidade. Estou desvinculado da realidade haitiana, mas também da realidade quebequense. Apesar dessas duas realidades trabalharem meus desejos, minhas alegrias... meus trabalhos e meus dias (JONASSAINT, 1986, p. 88).

Ao se referir ao exílio – a sua fuga da ditadura dos Duvalier no Haiti -, ele revela o que está na base do sentimento de nostalgia experimentado no país estrangeiro. Não são signos geográficos que lhe fazem falta, como a ilha, o mar, os coqueiros, mas a língua materna (OLLIVIER, 2001, p. 65) que habita seus sonhos, único lugar onde se expressa em crioulo (OLLIVIER, 2001, p. 63), já que na vida cotidiana tem poucas oportunidades de se expressar neste idioma.

Ao deixar o Haiti, perdeu um lugar de enunciação e foi imperioso para ele encontrar um outro, para evitar o risco do silêncio, que seria impensável em se tratando de alguém que só existe na e pela palavra. Por isso mesmo, descobriu um asilo na língua francesa, ressignificada através da experiência exilar. A língua da sociedade das plantações, imposta no espaço da sua família e no da escola, nos quais o crioulo era alvo de interdição em nome da vitória da civilização sobre a barbárie, adquire novo papel na vida deste intelectual das fronteiras.

Solidário com os quebequenses, assume, para além de diferenças históricas, sua luta em defesa da língua francesa, experimentando o desafio de fazer falar sua língua na língua do anfitrião. Seu desejo é que deste contato interlinguístico nasça algo novo, algo nunca ouvido anteriormente. (OLLIVIER, 2011, p. 134) Ao escrever, o escritor capta o murmúrio das duas línguas, e, em

especial, seu próprio sotaque, marca indelével de sua diferença no uso da língua francesa:

(...) quando escrevo, sinto o murmúrio de uma dupla língua, como se colocasse uma concha do mar na orelha. Faço questão de guardar essa música, pois tento trabalhar na língua sem perder meu sotaque (isto é, uma inflexão de voz, um ritmo, um tom), pois o sotaque de uma língua transportada em uma outra assinala um corpo a corpo das línguas que se encontram, se entrechocam e se misturam. O sotaque diz mais do que a língua (OLLIVIER, 2011, p. 132-133).

Por mais que estivesse habituado a escrever em francês, traz em seu corpo, na sua pele, sinais da língua ausente: um gosto do crioulo que não o abandona nunca, como se estivesse condenado a viver na encruzilhada de duas línguas, como se sob a forma polida das palavras francesas, lisas como o mármore das pias de batismo, ele descobrisse a douração dos ícones vodus, os *vêvês*⁶ dos peristilos (OLLIVIER, 2001, p. 65). Assim, guarda no fundo de si – no seu inconsciente – o idioma materno cujo luto se mostra impossível:

Sou um escritor francófono. Não fiz o luto do crioulo; fazê-lo seria me desligar dele, bani-lo mesmo. Creio que o crioulo está enterrado em mim, em uma cripta; ele é para mim um reservatório de ritmos, de sons e de imagens. Sobre esta cripta, construí com o francês uma nova morada e aí resido, corpo e alma. Vivo hoje em francês. (OLLIVIER, 2001, p. 64).

- **A impossibilidade da transmissão linguística: o caso de Leïla Sebbar**

Falo de um país que se esconde, um país ao qual não tenho direito, do qual devo roubar o que ele não quer me dar, sou compelida à pilhagem do vagabundo, do clandestino, ladrão que rouba, mesmo sabendo que é arriscado (SEBBAR, 2013, p. 152).

⁶ Nas cerimônias de Vodou, os *vêvês* são desenhos no chão que ajudam a estabelecer uma ligação com os espíritos.

Nascida na Argélia, onde morou com sua família durante quase vinte anos antes de ir viver na França, a escritora Leïla Sebbar faz parte do grupo de escritores hifenizados devido a um duplo pertencimento: seu pai era argelino e sua mãe, francesa. Ao contrário de Minna Sif para quem a pluralidade linguística herdada de seus pais representa um legado positivo, Leïla Sebbar se refere, frequentemente, a um profundo incômodo: o fato de seu pai não lhe ter transmitido o idioma árabe e sua cultura tão rica. Sentindo-se lesada e despossuída de uma herança que lhe cabia por direito, coloca-se metaforicamente nos interstícios da clandestina, da ladra que tenta roubar de seu pai o país que ele lhe negara por motivos que escapam a sua compreensão. Se, por um lado, a língua e a cultura francesa fazem parte de seu repertório existencial, o idioma árabe e toda a cultura magrebina constituem uma ausência, um silêncio. Este silêncio insiste em se fazer ouvir em muitas obras, como é o caso de *Je ne parle pas la langue de mon père* (2003) e *L'arabe comme un chant secret* (2007), nas quais ela desenvolve reflexões sobre a língua ausente.

A vivência exilar, sob vários aspectos, perpassa o conjunto de obras da autora, mas o lugar de exílio mais recorrente em seu universo se refere à questão da língua, neste caso, o árabe. Em geral, a experiência do exílio está associada à perda da língua materna (a língua da mãe como origem), mas, para Leïla Sebbar, a carência linguística se vincula à figura paterna. Muitos indícios nos textos da escritora mostram que ela frequentava a casa da avó paterna onde se falava árabe; em seu lar, as empregadas se utilizavam desta língua e o pai se comunicava com elas no seu idioma. Pode-se indagar até que ponto a autora teria sido de fato impedida de aprender o árabe por uma decisão de seu pai. Como ela afirma, fora do espaço da escola onde tudo era em francês, o árabe estava presente em toda parte: “Meu pai (...) nos separava de sua terra, da língua de sua terra. Entretanto, tudo em torno da escola era árabe. Os muros não eram tão grossos” (SEBBAR, 2003, p. 42).

A título de exemplificação, algumas passagens de seu texto “Clandestine dans le pays de mon père”, publicado no interior da obra coletiva *Le pays natal*, serão aqui evocadas: “O país natal me abandonou, não o meu, o de meu pai.” (SEBBAR, 2013, p. 150); “Meu pai não me ofereceu seu país natal.” (SEBBAR, 2013, p. 150); “Ninguém me disse que esse país era meu. Que sou absolutamente deste país. É seu país, o país de seus ancestrais, de seus ancestrais desde ...” (SEBBAR, 2013, p. 151). Consciente de ter sido impedida por seu pai – que era professor - a ter acesso a sua língua e a sua cultura, afirma que tal interdito fez de seu pai um desconhecido. Daí resultaria o sentimento da ausência de um país e da língua materna:

Quantas palavras, quantos livros para dizer um dia “Meu país”? Uma língua é um país e eu não tenho língua. Uma língua é uma mãe, dizem “a língua”.
Qual é minha língua materna?
Qual é meu país?” (SEBBAR, 2013, p. 154).

Ao se falar em interdito, evoca-se a prática da transgressão, uma vez que sem a existência de uma proibição anterior, não há atos transgressivos. Por isso mesmo, Leïla Sebbar se vale de sua identificação com as figuras metafóricas do clandestino e do ladrão para assumir a escrita como ato sorrateiro e invasivo. Escrever representa, a seus olhos, um gesto motivado pela transgressão que, segundo De Certeau, equivale a atravessar: “Transgredir significa atravessar.” (DE CERTEAU, 2011, p. 266). Na base da criação da autora, existe a travessia da proibição paterna que a teria excluído do idioma de seus país, de sua história e de suas lendas. Como fundamento da escrita enquanto ato transgressivo, se situa o sentimento de exclusão que afeta a escritora marcada pela despossessão sob vários aspectos:

Meu pai reteve sua língua, com ela as lendas e as canções (as cantigas de ninar são para as babás e as anciãs com os pequenininhos) as epopéias e a poesia árabes (SEBBAR, 2007, p. 69).

A transgressão que se dá na escrita de Sebbar se refere à possibilidade da autora recuperar os ecos do idioma e da cultura paternos através do francês, língua de sua mãe. Da fricção entre as duas línguas brota uma terceira margem de expressão identitária, assim como se dá o encontro de duas paisagens, o que remete à configuração da memória-palimpsesto:

Escrevo a violência do silêncio imposto, do exílio⁷, da divisão, escrevo a terra de meu pai, colonizada, maltratada (ainda hoje), deportada selvagememente, eu o escrevo na língua de minha mãe. É assim que posso viver, na ficção, filha de meu pai e de minha mãe. Traço minhas estradas argelinas na França (SEBBAR, 2007, p. 50).

Como pano de fundo da escrita de Leïla Sebbar existe a questão colonial e, em particular, a guerra da Argélia, silenciada pelas autoridades francesas, cuja reverberação se faz presente na obra *La Seine était rouge*. Trazendo para o centro da narrativa o massacre de argelinos em Paris, em 17 de outubro de 1961, silenciado pelas vozes do poder e pelas famílias das vítimas, o romance contribui para fazer falar o silêncio e propõe o preenchimento do vazio referente ao déficit de transmissão histórica através de testemunhos dos personagens.

Em se tratando da dualidade identitária vivenciada por Leïla Sebbar e da ruptura da herança cultural imposta por seu próprio pai, percebe-se o contexto político no qual se situa uma família afetada pelas marcas da violência colonial. Na tentativa de explicar a atitude de seu pai, a autora desenvolve algumas versões para justificá-la. Em uma dessas vertentes adotadas por Sebbar, se destaca a oposição entre dois polos: de um lado, a mãe francesa, cúmplice dos colonizadores; de outro, o pai, colonizado, vítima de um rapto feito pela língua e cultura francesas:

⁷ Vale lembrar que cada um de seus pais conhecia, a seu modo, a experiência do exílio: a mãe era exilada geograficamente de seu país natal; o pai, em sua própria casa, era exilado de sua língua materna, embora vivesse na Argélia.

É um rapto. Meu pai foi sequestrado de sua mãe, de sua própria terra, de seu país (...) de sua língua, das mulheres de sua língua. Ele escolheu Satã. Perdeu sua alma ... E minha mãe é a sedutora, diabólica, a auxiliar da França imperialista e guerreira (SEBBAR, 2007, p. 26).

Ao se definir como filha do pai-vítima e da mãe-carrasca, “entre um masculino feminino e um feminino masculino” (SEBBAR, 2007, p. 27), sente-se duplamente exilada e duplamente órfã, privada do “eu” materno e do “eu” paterno” (SEBBAR, 2007, p. 54). Por isso mesmo, indaga-se como seria possível produzir, a partir dessa dupla ausência, a presença de um “eu” autônomo. (SEBBAR, 2007, p. 54) Herdeira de uma situação traumática, deserdada do legado cultural paterno, a autora escreve para oferecer a seu pai um dom, a herança que ela lhe dá: sua arte (SEBBAR, 2007, p. 72).

No conjunto da produção literária da escritora, destaca-se a prática de negociações entre duas carências, entre dois idiomas, entre duas culturas. Colocando-se sempre à escuta da sonoridade da língua árabe, captada, sob a forma de fragmentos, em cafés franceses, Leïla Sebbar se engaja em busca da recuperação do idioma e da cultura interditados. Ao escrever, lança mão do (im)possível encontro e da fricção entre suas duas vertentes identitárias. Para tanto, assume o lugar do arqueólogo à procura dos vestígios do pai-língua-cultura ausentes, valendo-se do francês para fazer despertar o árabe: “Ísis, a língua de minha mãe ressuscita o corpo da Argélia, meu pai.” (SEBBAR, 2007, p.28). É o que se depreende também nas palavras finais do livro *Je ne parle pas la langue de mon père*, no qual a primeira linha de cada capítulo reitera, com variantes, o título da obra. No fim deste livro, o leitor descobre o sentido maior da ausência no processo de criação da escritora, que produz a partir da falta, graças à falta:

Nunca aprenderei a língua de meu pai. Quero escutá-la, ao acaso de minhas peregrinações. Escutar a voz do estrangeiro bem-amado, a

voz da terra e do corpo de meu pai que escrevo na língua de minha mãe (SEBBAR, 2003, p. 125).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O país natal, o meu, é lá onde nasci para partir. Saí de lá, cruzei fronteiras, fui embora. Mas não parti. Quero dizer que não cheguei em lugar nenhum... Ou seja, não aterrissei realmente (BARAKAT, 2013, p. 24).

Ao longo das reflexões desenvolvidas, confirmou-se a importância da experiência exilar no universo de autores francófonos que, antenados com nosso tempo, inspiram-se, muitas vezes, na ausência da língua, da pátria e da cultura maternas para produzirem obras iluminadas pelo estar-entre-mundos. Sob diversos aspectos, vivenciado em diferentes contextos culturais e políticos, o exílio – voluntário ou não – constitui uma vivência singular ou coletiva que leva seres deslocados a se interrogarem sobre o sentido do lugar e a possibilidade do habitar fora de sua terra-língua de origem.

Ao se registrarem aqui vozes das mobilidades, que se fazem ouvir através de ensaios e da ficção, reitera-se o caráter representativo de depoimentos que, rompendo barreiras, encontram eco em outros cantos da vastidão relativa às cartografias da diversidade. Para além das biografias únicas de autores ligados a várias localizações da francofonia (Maghreb, Quebec e Antilhas), percebe-se um denominador comum que as une: a história de cada autor com a língua francesa.

Ao ser adotado como meio de expressão por seres migrantes, o francês desterritorializado assume outra importância, tornando-se, várias vezes, a morada que abriga “estrangeiridades” plurais. Todavia, muito mais do que uma chegada definitiva, a língua francesa equivale a uma busca inacabada, a um processo sem fim que corresponde à procura do auto-conhecimento por

autores e personagens definidos pela identidade em devir. Ao se referir à difícil apropriação da língua francesa, a autora chinesa Ying Chen, um dos nomes mais significativos da escrita migrante do Quebec, recorre à figura mítica de Sísifo. Assim, vê esse idioma estrangeiro como a pedra que lhe escapa sempre, obrigando-a a recomeçar continuamente. Entretanto, apesar das dificuldades, torna-se maior do que os obstáculos e sua busca é sempre retomada. (CHEN, 2004, p.29) Para a autora do ensaio *Quatre mille marches*, escrever em uma língua estrangeira é um trabalho digno de Sísifo, mas a criação em geral também o é (CHEN, 2004, p. 30).

Atravessados pelas tensões entre línguas e culturas, autores vinculados diretamente à questão colonial ou indiretamente, pelo fato de a terem herdado de seus pais, ressignificam sua ligação com a língua materna, abrindo-se para o idioma visto, a princípio, como sinônimo de opressão. Ao se apropriarem do meio de expressão dos antigos colonizadores, realizam um roubo metafórico, movidos pela necessidade de aí encontrar o lugar do qual foram excluídos.

Explorar a escrita-entre-mundos no âmbito das literaturas francófonas deve levar em conta a Poética da Relação proposta por Glissant (1990), fundamentada nos (des)encontros, fricções e choques entre culturas, em um processo inacabado característico de nosso tempo. Inspirando-se no ensaísta e escritor martinicano, Émile Ollivier salienta a duplicidade de significações associada à palavra “relação”: “ligar o que está separado, o aqui e o lá, a origem e a acolhida”; “relatar no sentido de testemunhar, contar, narrar” (OLLIVIER, 2011, p. 131). Em textos dos autores escolhidos nestas considerações, percebe-se que seus relatos de vida e seus testemunhos se apoiam nas associações entre o aqui e o lá, entre o passado e o presente. Feitos diretamente em ensaios e em narrativas autobiográficas; ou indiretamente, através de seus personagens, tais depoimentos trazem a releitura da noção de lugar identitário, que perde qualquer ideia de fixidez, para se tornar algo movente e sempre em construção.

Como pensa o autor de *Repérages 1*, o sujeito que conheceu a experiência dos trânsitos descobre-se como um ser plural, “feito da interferência de todos os lugares que atravessou.” (OLLIVIER, 2001, p. 24).

Localizados no intervalo entre dois ou mais universos, esses autores ilustram a categoria dos homens traduzidos a que se referiu Salman Rushdie em seu célebre ensaio, no qual é dito que, ao contrário do que se pensa, a tradução não constitui, necessariamente, uma perda, podendo ser vista como ganho de algo (RUSHDIE, 1993, p. 28). De qualquer modo, entre perdas e ganhos, os escritores francófonos dos trânsitos entre línguas e culturas estão sempre engajados na procura de um terceiro lugar identitário. Esse lugar é a escrita literária, a única que mostra capaz de dar conta da impossibilidade de se escrever de modo monolíngue própria do contemporâneo: “Quando se escreve em uma língua, lendo as literaturas de várias outras línguas, a língua da escrita não é mais somente uma língua, mas ela se torna a língua que carrega todas as línguas.” (CHEN, 2014, p. 74).

REFERÊNCIAS

- BARAKAT, Hoda. Propositions... In : SEBBAR, Leïla (dir.) *Pays natal*. Tunis : Éditions Elyzad, 2013.
- BÉNABOU, Marcel. La bonne langue. In : SEBBAR, Leïla (dir.) *Pays natal*. Tunis : Éditions Elyzad, 2013.
- BENSLAMA, FETHI. Les naufragés du natal. In : SEBBAR, Leïla (dir.) *Pays natal*. Tunis : Éditions Elyzad, 2013.
- BOURAOUI, Nina. *Garçon manqué*. Paris : Éditions Stock, 2000.
- CHEN, Ying. *Quatre mille marches*. Montréal : Boréal, 2004.
- CHEN, Ying. *La lenteur des montagnes* : essai. Montréal : Boréal, 2014.
- D'ALFONSO, Antonio. *L'autre rivage* : poésie. Montréal : Le Noroît, 1999.
- DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

ETTE, Ottmar. *Escrever entre mundos: literaturas sem morada fixa*. Curitiba: Ed.UFPR, 2018.

ETTE, Omar. As literaturas do mundo: condições transculturais e desafios polilógicos de um conceito prospectivo. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; ANDRADE, Antonio (org.) *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

FERRARO, Alessandra. Antonio d'Alfonso ou du vertige autotraductif. *Tradução em Revista*, 16. Rio de Janeiro: PUC, 2014.

GAUVIN, Lise. *Langagement : l'écrivain et la langue au Québec*. Montréal: Boréal, 2000.

GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris : Seuil, 1990.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Montréal : Les Presses de l'Université de Montréal, 1995.

JONASSAINT, Jean. *Le pouvoir des mots, les maux du pouvoir : des romanciers haïtiens de l'exil*. Paris : Éditions de l'Arcanterie ; Montréal : Les Presses de l'Université de Montréal, 1986.

KUMMER, Ida. Un ailleurs qui serait ici. In: SEBBAR, Leïla (dir.) *Pays natal*. Tunis : Éditions Elyzad, 2013.

LAFERRIÈRE, Dany. *L'odeur du café*. Montréal : Éditions VLB, 1991.

OLLIVIER, Émile. *Repérages*. Montréal : Leméac, 2001.

OLLIVIER, Émile. *Repérages 2*. Montréal: Leméac, 2011.

PORTO, Maria Bernadette. Hospitalidade e translinguismo literário no imaginário de autores francófonos da contemporaneidade. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; ANDRADE, Antonio (org.) *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

RUSHDIE, Salman. *Patries imaginaires: essais et critiques. 1981/1991*. Paris : Christian Bourgois, 1993.

SAYAD, Abdelmalek. Le pays où l'on n'arrive jamais. *Le courrier de l'UNESCO*, n. 9610, « Les mondes de l'exil », octobre 1996.

SEBBAR, Leïla. *Je ne parle pas la langue de mon père*. Paris : Julliard, 2003.

SEBBAR, Leïla. *L'arabe comme un chant secret*. Saint-Pourçain-sur-Sioule : Bleu Autour, 2007.

SEBBAR, Leïla. *La Seine était rouge* : Paris, octobre, 1961. Paris : Actes Sud, 2009.

SEBBAR, Leïla. Clandestine dans le pays de mon père. In : SEBBAR, Leïla (dir.) *Pays natal*. Tunis : Éditions Elyzad, 2013.

SIF, Minna. *Une langue est un pays*. In : SEBBAR, Leïla (dir.) *Pays natal*. Tunis : Éditions Elyzad, 2013.

THÚY, Kim. *Mãn*. Montréal : Libre Expression, 2013.

Recebido em 15/11/2022.

Aceito em 15/02/2023.